



*Testemunhar os
Sinais da
Graça na
Unidade do
Corpo de
Cristo*



Testemunhar os sinais da Graça na Unidade do Corpo de Cristo

Colégio Episcopal da Igreja Metodista
Setembro 2009 - versão eletrônica

COLÉGIO EPISCOPAL

Bispo João Carlos Lopes - Presidente
Bispo Luiz Vergilio Batista da Rosa - Vice-Presidente
Bispo Adonias Pereira do Lago - Secretário
Bispo Adolfo Evaristo de Souza
Bispo Adriel de Souza Maia
Bispa Marisa Freitas Ferreira
Bispo Paulo Tarso de Oliveira Lockmann
Bispo Roberto Alves de Souza
Bispo Geoval Jacinto da Silva
Bispo João Alves de Oliveira Filho
Bispo Josué Adam Lazier
Bispo Nelson Luiz Campos Leite
Bispo Paulo Ayres Mattos
Bispo Richard dos Santos Canfield
Bispo Rosalino Domingos
Bispo Stanley da Silva Moraes

SECRETÁRIO EXECUTIVO DO COLÉGIO EPISCOPAL

Bispo Stanley da Silva Moraes

SECRETÁRIA EXECUTIVA PARA VIDA E MISSÃO

Revda. Joana D'Arc Meireles

ASSESSORIA NACIONAL DE COMUNICAÇÃO

Suzel Tunes

PROJETO GRÁFICO E TEXTO DE REFERÊNCIA

Hideíde Torres (MTb/SP 35.784)



SEDE NACIONAL DA IGREJA METODISTA

Av. Piassanguaba, 3031
Planalto Paulista - 04060-004 - São Paulo - SP
Fone: (11) 2813.8600 Fax: (11) 2813.8632
Site: www.metodista.org.br
E-mail: sede.nacional@metodista.org.br

COLÉGIO EPISCOPAL DA IGREJA METODISTA

*Testemunhar os sinais da Graça
na Unidade do Corpo de Cristo*

Setembro 2009
versão eletrônica

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
TESTEMUNHAR OS SINAIS DA GRAÇA NA UNIDADE DO CORPO DE CRISTO .	7
PISTAS PASTORAIS NO AMBIENTE DE 1ª CORÍNTIOS	9
<i>A REALIDADE DOS CORÍNTIOS</i>	<i>9</i>
<i>CONTEÚDO E ESTRUTURA DA CARTA</i>	<i>10</i>
A GRAÇA DIVINA E SUA AÇÃO NA VIDA HUMANA	11
<i>NA VIDA FAMILIAR</i>	<i>11</i>
<i>NO OFERECIMENTO DO PERDÃO</i>	<i>11</i>
<i>NAS SITUAÇÕES DE DOR E NO SOFRIMENTO</i>	<i>12</i>
<i>NA RECONCILIAÇÃO</i>	<i>12</i>
<i>NA GENEROSIDADE</i>	<i>13</i>
<i>NO AMOR E SEUS SINAIS</i>	<i>14</i>
<i>“AMPLIAI-VOS NO AMOR”</i>	<i>15</i>
O QUE É IGREJA?	16
<i>UMA DEFINIÇÃO</i>	<i>16</i>
<i>IGREJA COMO CORPO DE CRISTO</i>	<i>16</i>
<i>O CORPO NÃO SE COMPÕE DE UM SÓ MEMBRO, MAS DE MUITOS (v.14)</i>	<i>17</i>
<i>COMO É QUE ME TORNO UM MEMBRO DO CORPO DE CRISTO?</i>	<i>17</i>
<i>IGREJA COMO COMUNIDADE</i>	<i>17</i>
DESAFIOS PARA TESTEMUNHAR OS SINAIS DA GRAÇA	
NA UNIDADE DO CORPO DE CRISTO	19
<i>SINAIS DA GRAÇA NA UNIDADE DO CORPO DE CRISTO</i>	<i>19</i>
CONCLUSÃO: EM BUSCA DOS SINAIS DE ESPERANÇA	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25

APRESENTAÇÃO

A Carta Pastoral do Colégio Episcopal da Igreja Metodista para o biênio 2008-2009, intitulada **Testemunhar a graça e fazer discípulos e discipulas**, evidenciou nosso compromisso com alguns aspectos fundamentais para a continuidade da nossa vocação histórica de, como Igreja, “não criar uma nova seita, mas reformar a nação, particularmente a Igreja e espalhar a santidade bíblica por toda a terra” (John Wesley). Por exemplo:

a) Incentivou o compromisso com o testemunho cristão: testemunhar é o compromisso de todas as pessoas alcançadas pela graça transformadora de Jesus Cristo. À semelhança do cego de nascença (Jo 9.24-33), temos de anunciar: *“Uma coisa eu sei: eu era cego, e agora vejo”* (v.25). Também, é belíssimo o testemunho da mulher samaritana (Jo 4.29), acolhida por Jesus: *“Quanto à mulher, deixou o seu cântaro, foi à cidade e disse àqueles homens: Vinde comigo e vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito. Será este, porventura, o Cristo?”* (v.28-29). O livro de Atos registra o testemunho do apóstolo Pedro: *“Vós conheceis a palavra que se divulgou por toda a Judeia, tendo começado desde a Galileia, depois do batismo que João pregou, como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com poder, o qual andou por toda a parte, fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com ele; e nós somos testemunhas de tudo o que ele fez na terra dos judeus e em Jerusalém; ao qual também tiraram a vida, pendurando-o no madeiro [...] E nos mandou pregar ao povo e testificar que ele é quem foi constituído por Deus juiz de vivos e mortos”* (At 10.37-39 e 42). Por isso, a bispa e os bispos recomendam ao povo metodista “manter fidelidade aos fundamentos da fé cristã e obediência ao mandato de Cristo”. É tempo de testemunhar a graça do Senhor, com vigor, em todas as circunstâncias. Há muitas pessoas carentes de Jesus. Na Carta Pastoral, o Colégio Episcopal sublinha:

a partir do momento em que recebemos a Cristo como Salvador, está sobre nós uma grande responsabilidade, que é viver em Cristo (cf. Fp 1.21). Paulo mostra que testemunhar é um modo de viver, sendo embaixadores/as de Cristo. Nossa maneira de viver deve recomendar o Evangelho, nunca envergonhá-lo. Testemunhar é viver de modo digno do Evangelho de Cristo, em todo o tempo, apontando para o amor salvador e para o Senhorio de Jesus Cristo sobre a nossa vida.

b) Despertou-nos a testemunhar a graça: nós, metodistas, bebemos na fonte da graça de Deus. O salmista declara: *“Porque a tua graça é melhor que a vida: os meus lábios te louvam. Assim, cumpre-me bendizer-te enquanto eu viver. Em teu nome, levanto as mãos”* (Sl 63.3-4). O profeta Isaías faz um apelo, tendo a graça como fundamento: *“Ah! Todos vós, os que tendes sede, vinde às águas; e vós, os que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei; sim, vinde e comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite”* (Is 55.1). Esta é a mesma essência da declaração do Novo Testamento: *“Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie. Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus, de antemão, preparou para que andássemos nelas”* (Ef 2.8-10). Na Carta Pastoral “Testemunhar a graça e fazer discípulos e discipulas” (p.15-22), há importantes considerações sobre a graça de Deus no testemunho bíblico e na tradição wesleyana.

Numa sociedade competitiva como a nossa, marcada pelo individualismo e pelo consumismo, nós, metodistas, declaramos a gratuidade da graça de Deus,



Esta é a Carta Pastoral do biênio 2010-2011. Na apresentação, são retomadas as ênfases do biênio anterior, no qual focamos “Testemunhar a graça e fazer discípulos e discipulas”. Relembre com seu grupo de estudos o que significam, para nós metodistas, o testemunho, a graça e o discipulado.

que não pode ser comprada por preço algum, mas tem a garantia da obra do Senhor Jesus Cristo, consumada na cruz do Calvário. Por isso, cantamos: “*Grande foi a tua graça que por mim assim mostraste; para meus grilhões partires, Tua vida não poupaste.*” (Hinário Evangélico, 202).

c) Comissionou-nos a fazer discípulos e discipulas: cada pessoa cristã deve buscar o caminho da maturidade na graça de Deus e, conseqüentemente, viver a experiência do discipulado na comunidade de fé e serviço. O Colégio Episcopal, por ocasião da Páscoa Cristã do ano de 2009, encaminhou uma correspondência aos pastores e pastoras, reafirmando:

que, na prática metodista, proclamamos um discipulado integrador. (...) toda a dinâmica do discipulado está configurada na vivência da comunidade de fé e serviço como Corpo de Cristo. Por isso, o discipulado anunciado pela Igreja Metodista não se enquadra no isolamento ou sem vínculos com a Igreja como Corpo de Cristo. Consideramos de real importância o fortalecimento dos pequenos grupos ou classes wesleyanas. Esses segmentos foram chave para a recriação de uma vida espiritual frutífera. Os grupos produziram uma Igreja dispersa (nos termos de Atos 8.4) em uma estrutura flexível com o foco na comunhão, oração, partilha da palavra de Deus, correção mútua e serviço (At 2.42-47). As classes (pequenos grupos) floresceram e tornaram possível o crescimento em termos numéricos e, também, de qualidade e estilo de vida pessoal e comunitária¹.

O discipulado, de fato, é estilo de vida, uma maneira de ser. Assim, o desafio da Carta Pastoral do biênio 2008-2009 não se encerra, mas precisa ser dinamizado com ações concretas nos diversos segmentos ministeriais da igreja local, que possui grandes espaços para “testemunhar a graça e fazer discípulos/as”. O mandato do Senhor Jesus Cristo, conforme Mateus 28.18-20 nos coloca numa posição de discípulos e discipulas (aprendizes) e, por isso, precisamos realizar o ministério deixado por Ele e delegado a nós com um profundo zelo missionário. Tenha um abençoado biênio.

Bispo João Carlos Lopes

Presidente do Colégio Episcopal

¹ Ressaltamos a importância dos pequenos grupos na tradição wesleyana. Hoje, temos uma vasta terminologia na vida da Igreja: células, grupos de oração; pequenos grupos; grupos wesleyanos, etc. Organizados, esses segmentos são uma forma de presença da Igreja e têm um grande valor em termos da nutrição espiritual dos membros, a fim de que eles possam se encorajar mutuamente e vivenciar a experiência wesleyana: “Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros, para serdes curados. Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo” (Tg 5.16). Incentivamos essa metodologia, mas jamais substituindo a Igreja e, tampouco, transformando esses segmentos em espaço de poder ou hierarquia. Eles são ministeriais e em conexão com a Igreja em termos de evangelização, unidade e serviço.

TESTEMUNHAR OS SINAIS DA GRAÇA NA UNIDADE DO CORPO DE CRISTO

Este documento dá sequência à Carta do biênio anterior. É fundamental um discipulado que vivencie, na vida de nossa Igreja Metodista, a totalidade dos ensinamentos de Jesus Cristo. A unidade cristã não é opção, mas um mandamento a ser perseguido na prática missionária da Igreja. O apóstolo Paulo chama a nossa atenção: *“Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados, com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz”* (Ef 4.1-3). E ainda, as palavras do próprio Jesus Cristo: *“a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste”* (Jo 17.21). Esta frase expressa o desejo de Jesus, de que Seus discípulos e discípulas vivam em intimidade e comunhão, a fim de que o mundo creia na força do Evangelho e, conseqüentemente, *“sermos para o louvor da sua glória, nós, os que, de antemão, esperamos em Cristo”* (Ef 1.12). À luz do tema do biênio 2010-2011, *“Testemunhar os sinais da graça na unidade do Corpo de Cristo”*, ressaltamos alguns desafios:

Proseguir no desafio do testemunho cristão, aliado aos sinais da graça de Deus. O Plano Nacional Missionário de 2007-2012, no item *“Nossos Compromissos na Missão”*, ressalta: *“anunciar e viver a experiência da graça de Deus, acolhida pela fé em Cristo”*. A vida cristã acontece sob a graça de Deus e dela depende. A graça é ponto fundamental da revelação divina. Pela fé amorosa, obediente e ativa, recebemos a graça e a expressamos na ação do amor dedicado a Deus e ao próximo. Ela é uma experiência de impacto na vida das pessoas e da comunidade de fé. Ao mesmo tempo, atinge a razão (mente) e o coração (sentimento, vontade, existência), isto é, o ser humano em sua totalidade. Ela se manifesta de modo preveniente, justificador e santificador, conforme o ensino do fundador do Metodismo, João Wesley. Reconhecemos que hoje a Igreja vive uma crise de testemunho. Novamente, trazemos à memória a Carta Pastoral do Colégio Episcopal ao Ministério Pastoral, durante a Páscoa Cristã de 2009:

Vivemos um tempo de uma intensa confusão religiosa, obrigando o nosso ministério pastoral a uma redobrada vigilância no rebanho sob sua responsabilidade. Assim, assistimos à invasão do religioso, com as mais diferentes práticas, descaracterizando as marcas da identidade da Igreja, em suas bases fundamentais: unidade, santidade, universalidade e herança apostólica. São diversos movimentos, trazendo as mais diferentes práticas, muitas delas fortalecendo o estrelismo, a competição e a fragmentação, carecendo de uma fundamentação bíblica, teológica e herança histórica.

Testemunho dos sinais da graça de Deus. O apóstolo Paulo, em sua Primeira Carta aos Coríntios, sublinha: *“Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios, mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens”* (1Co 1.22-25). O ministério de Jesus, ou seja, sua vida, sua obra, o seu sacrifício e gloriosa ressurreição constituem o maior sinal a ser seguido. Foi o próprio Jesus que declarou: *“Eu sou o caminho,*



Siga o texto elaborado pelos bispos e bispa, tendo muito cuidado em examinar sempre os textos bíblicos citados, para acompanhar a fundamentação bíblica de nossa reflexão. Deixe o Espírito falar ao seu coração...



A unidade cristã não é opção, mas um mandamento a ser perseguido na prática missionária da Igreja.



Analise tópico por tópico, tendo sempre um momento de oração após a leitura, permitindo que a reflexão se aprofunde. Você pode listar os desafios que sua comunidade local enfrenta, de modo específico, em cada um dos segmentos analisados. Em grupo, fica mais fácil achar os caminhos e soluções, sob a inspiração da graça.



Algumas frases para pensar

Precisamos dos sinais da graça, postos à nossa disposição por meio de Cristo, na ação renovadora e dinamizadora do Espírito Santo.

A Igreja é um presente de Deus para acolher-nos e comunicar-nos o amor que Jesus tem para com todas as pessoas.

... e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14.6). Igualmente, Jesus fez uma declaração fundamental: “Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; o que crê em mim jamais terá sede” (Jo 6.35). Ele é o sinal de salvação e graça para a humanidade. John Wesley escreveu:

em qualquer situação, necessitamos de Cristo nos seguintes termos: (1) qualquer graça que recebemos é uma dádiva dele. (2) Nós a recebemos como aquisição dele, meramente em consideração ao preço que ele pagou. (3) Esta graça nós a temos não apenas de Cristo, mas nele. Pois nossa perfeição não é igual à da árvore, que floresce pela seiva de sua própria raiz, mas, como foi dito antes, como galho que, unido ao vinhedo, dá fruto; mas arrancado dele, seca e murcha, (4) Todas as nossas bênçãos, temporais, espirituais e eternas, dependem da intercessão dele, a qual é um ramo de seu ofício sacerdotal, da qual, portanto, temos sempre igual necessidade.

Por isso, Pedro exclamou: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo”. O sinal é aquilo que indica alguma coisa importante, ou ainda, instruções importantes para a nossa caminhada em disciplina pessoal e comunitária. O Dicionário Ilustrado da Bíblia (Vida Nova) explica: “No Novo Testamento, a palavra ‘sinais’ é acoplada tanto a ‘maravilhas’ quanto a ‘milagres’ (At 2.22; 2Co 12.12; Hb 2.4). Os sinais apontam, principalmente, para a poderosa atividade salvadora de Deus, exercida através do ministério de Jesus e dos apóstolos. A palavra ocorre frequentemente no Evangelho de João para indicar o significado simbólico mais profundo dos milagres de Jesus. Em toda a Bíblia, a verdadeira importância de um sinal só é compreendida por meio da fé” (Lc 16.19-31).

Precisamos dos sinais da graça, postos à nossa disposição por meio de Cristo, na ação renovadora e dinamizadora do Espírito Santo. No Plano para Vida e Missão da Igreja Metodista, está o seguinte desafio:

Nosso trabalho tem sua raiz e força na confiança de que Deus está conosco, vai à frente e é garantia da concretização do Reino de Deus no presente e no porvir. Ainda que as forças do mal e da morte lutem para dominar o nosso mundo, nossa esperança reside naquele que as venceu, Jesus Cristo, e tornou reais a ressurreição e a vida eterna. A vitória da vida já pode ser percebida na luta que travamos contra as forças da morte, pois já temos os primeiros frutos do Reino (primícias), que nos nutrem e nos levam a perseverar na caminhada orando: “Venha o teu Reino” (Êx 3.7-15; Mt 28.20; Rm 8.37-39; Gl 5.5; Ef 4.4; 1Co 15.55-58).

Na unidade do Corpo de Cristo. A Igreja é sinal da graça de Deus na sociedade. E demonstra isso, de modo importantíssimo, por meio da unidade do Corpo de Cristo. Recentemente, os meios de comunicação noticiaram que somente na cidade de São Paulo, Capital, são organizadas, por dia, duas novas igrejas. Há uma explosão de novas igrejas e comunidades, sem o compromisso com os esteios fundamentais da eclesiologia bíblica: santidade, unidade, universalidade e herança apostólica. Nós, bispa e bispos da Igreja Metodista, insistimos na importância da Igreja como sinal da graça de Deus. Uma igreja que dá testemunho da credibilidade do Evangelho, com base no ensino de Jesus e dos apóstolos. Sendo assim, a Igreja é um presente de Deus para acolher-nos e comunicar-nos o amor que Jesus tem para com todas as pessoas (Mt 11.28-30). Igualmente, em Cristo, recebemos o credenciamento a fim de que sejamos povo seu, particular (1Pe 2.9-10) e, em consequência, uma grande bênção para todos os povos (Gn 12.1-3).

PISTAS PASTORAIS NO AMBIENTE DE 1ª CORÍNTIOS

A Bispa e os Bispos, em meditação e oração, ao refletir sobre a Pastoral 2010-2011 – “Testemunhar os sinais da graça na unidade do Corpo de Cristo” – levaram em consideração os contextos externo e interno da Igreja, com seus desafios, impasses e possibilidades e buscaram a inspiração em 1 Coríntios 1.2-3: *“À igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados para ser santos, com todos os que em todo lugar invocam o nome do Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso: graça a vós outros e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo”*.

Levantaremos pistas pastorais para, com fé, esperança, persistência e amor, constituir uma Igreja que aponte os sinais da graça no Corpo de Cristo. Dificuldades, ambiguidades, distorções, lutas internas e externas estão presentes, bem como os sinais concretos dos meios de graça conferidos pelo Espírito Santo. Essa era a realidade do povo cristão em Corinto e é também a nossa hoje. Mesmo com tantos desafios no contexto da igreja evangélica brasileira, com reflexos fortes no cotidiano metodista, ainda podemos perceber a dimensão da gratuidade do amor de Deus em Cristo Jesus.

A REALIDADE DOS CORÍNTIOS

Corinto tinha cerca de 600 mil habitantes, e estava em uma privilegiada posição geográfica. Teve uma posição de destaque na história helênica. Guilherme Bellinato, em *Paulo, Cartas e Mensagens* (Loyola, 1979), sublinha que

(...) essa cidade ligava a Península do Peloponeso à Grécia continental: era uma parte natural de estreita intercomunicação entre todos os gregos [...] Do lado oriental de Corinto, se espalhava o Golfo Sarônico ou de Egina, com espaçosos portões de Cencreia, ao passo que, ao lado ocidental, abria-se o Golfo de Patras ou de Corinto, com o porto de Lequéu. Este istmo, pois, unia dois mares: o Mar Jônio e o Mar Egeu [...] Corinto unia duas civilizações: a oriental e a ocidental, cidade-caldo-cópico de todas as ideias religiosas mais nobres ou aberrantes [...] Corinto conheceu uma história maravilhosa, sempre a competir com as maiores cidades (como Atenas, Esparta, Tebas, etc.) pela hegemonia da Grécia.

Corinto, assim, vivenciava naquela época uma experiência hoje chamada ‘globalização’: ali se misturavam povos e culturas diferentes – romanos, gregos, judeus, orientais. Paulo, na sua segunda viagem missionária, por volta dos anos 50-51 d.C., fundou a comunidade cristã naquela cidade. O livro de Atos dos Apóstolos registra: *“Depois, deixando Paulo Atenas, partiu para Corinto. Lá, encontrou certo judeu chamado Áquila, natural de Ponto, recentemente chegado da Itália, com Priscila, sua mulher, em vista de ter Cláudio decretado que todos os judeus se retirassem de Roma. Paulo aproximou-se deles. E, posto que eram do mesmo ofício, passou a morar com eles e ali trabalhava, pois a profissão deles era fazer tendas. E todos os sábados discorria na sinagoga, persuadindo tanto judeus como gregos”* (1Co 18.1-5). Paulo permaneceu ali por um ano e meio e colaborou na implantação dessa comunidade, bem como consolidou o trabalho missionário (cf. At 18.11). A primeira carta enviada aos coríntios foi escrita em Éfeso, possivelmente entre 54 e 57 d.C. Paulo permaneceu em Éfeso por três anos (At 20.31).



Neste capítulo, vamos estudar um trecho da Primeira Carta de Paulo aos Coríntios. Veja as informações aqui trazidas. Acompanhe nos mapas bíblicos. Você também pode acrescentar informações mais profundas a seu estudo procurando textos adicionais em atlas e dicionários bíblicos.

Use os espaços em branco nas laterais para anotar suas descobertas pessoais e no grupo de estudos.



Analisar cada um dos pontos destacados pelos bispos e bispa. Seu grupo pode encontrar outros exemplos bíblicos para acrescentar? E quanto à sua igreja local? Que elementos levantados devem ser trabalhados por vocês? Que semelhanças há entre os seus desafios locais e os da Igreja de Corinto? Como superá-los?

CONTEÚDO E ESTRUTURA DA CARTA

Paulo se defronta com uma crise interna na comunidade dos Coríntios. Ele faz referência a essa dificuldade logo no início da carta: “Pois a vosso respeito, meus irmãos, fui informado pelos da casa de Cloe, de que há contendas entre vós” (1Co 1.11). Paulo apresenta o desafio da unidade frente aos diversos partidos existentes na comunidade (1Co 1.12-17) e ressalta a soberania da mensagem da cruz: “Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que perdem, mas nós, que somos salvos, poder de Deus” (1Co 1.18).

À luz da estrutura dessa correspondência paulina, apontamos alguns elementos importantes:

1. Orientar a comunidade frente a divisões, pois eles diziam: “*Eu sou de Paulo*”; “*eu sou de Apolo*”; “*eu sou de Pedro* e “*eu sou de Cristo*” (1Co 1.10).
2. Aprofundar a maturidade da igreja. As divisões são fruto da imaturidade dos coríntios. Paulo destaca que a igreja não estava preparada para alimentar-se com o alimento sólido (1Co 3.1-9).
3. Apontar que o exercício da autoridade na igreja é, na verdade, o exercício da mordomia cristã em submissão à legítima autoridade que é espiritual e emana da Palavra: “*Ninguém se glorie nos homens; porque tudo é vosso: seja Paulo, seja Apolo, seja Cefas, seja o mundo, seja a vida, seja a morte, sejam as coisas presentes, sejam as futuras, tudo é vosso, e vós de Cristo, e Cristo, de Deus*” (1Co 3.21-23).
4. Instruir sobre as questões comportamentais, como os desvios sexuais por causa da imoralidade, casamentos mistos, abandono das viúvas, divórcio, comer ou não comer carnes sacrificadas, cultos da idolatria, etc.
5. Ensinar a importância da Santa Ceia, memorial da nova aliança inaugurada por Jesus Cristo e meio de graça e unidade (1Co 11.17-34).
6. Apontar a importância dos dons, carismas, ministérios, frutos na caminhada da igreja em Corinto, envolvendo, especialmente, os capítulos 12 a 14. Paulo aborda o desafio de ser uma igreja configurada na analogia do Corpo de Cristo, manifestando unidade na diversidade.
7. Recolocar perante a igreja o papel da ação do Espírito Santo na concessão dos dons espirituais a partir de critérios bíblicos (1Co 14).
8. Fundamentar a importância do mais excelente dom que o amor, ou seja, “*o caminho melhor*” (1Co 13).
9. Recolocar a importância da doutrina da ressurreição de Jesus Cristo, a fim de que entendamos nossa ressurreição. Essa doutrina passa ser o coração da fé evangélica (1Co 15).

Apesar das dificuldades, Paulo não deixa de reconhecer a eleição dessa igreja, ao dirigir-se “*aos santificados em Cristo Jesus, chamados para ser santos, com todos os que invocam o nome do Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso*” (1Co 1.2).

A GRAÇA DIVINA E SUA AÇÃO NA VIDA HUMANA

Paulo é o apóstolo da graça. Ele a expressa em suas cartas, nos ambientes os mais contraditórios e diversos, junto das igrejas locais com as quais ele conviveu. Temos visto como, numa igreja conflituosa, doutrinariamente confusa, dividida, ele age pastoralmente, de forma pedagógica, visando proporcionar a ação transformadora da graça nas pessoas, na igreja, nas famílias, na unidade, na comunhão, no testemunho, no caráter, na santificação pessoal, interpessoal e social. Hoje, como nos dias dos coríntios, a ação da graça está em nós, entre nós e por meio de nós. O Espírito Santo é o fundamento de toda a ação divina, como fruto da presença salvadora e transformadora do Senhor Jesus Cristo. Há sinais da graça de Deus no ser humano e nos espaços onde ele vive.

NA VIDA FAMILIAR

A família é fruto do “coração divino”. Há, porém, grande fragilização da família e mudanças na sua maneira de ser na atualidade. Contudo, a família é e sempre será o local básico de “relacionamento humano”. Fomos criados para o relacionamento: com Deus, com a natureza, conosco, com o próximo, com a sociedade, a Igreja... A quebra de relacionamento é “sinal de pecado”, o que ocorreu entre Adão, Eva e o Criador.

A família foi criada para comunhão, convivência, comunicação. Como em Corinto, as famílias estão fragilizadas em seus relacionamentos: entre o casal, entre pais, mães e filhos/as, irmãos/ãs, sogros/as e genros/noras, etc.

Carecemos de restauração na vida familiar. Essa é uma obra da “graça reconciliadora e perdoadora”. Somos importantes e necessários. Temos vontade, iniciativa, disponibilidade, mas é a graça divina, presente em Cristo, que nos leva a superar as nossas carências e barreiras. Em Efésios 2.4-10; 13-22, vemos isso. Essa é uma obra da graça que age de modo preveniente, justificador, santificador e consumatório. A graça é reconciliatória – Paulo afirma que “Deus reconciliou consigo o mundo” e nos deu “o ministério da reconciliação”. Essa reconciliação alcança todos os níveis da vida, inclusive a vida em família (1Co 5.17-6.1-2). Não recebamos em vão, na vida relacional familiar, a graça de Deus.

NO OFERECIMENTO DO PERDÃO

Perdão é sinal de maturidade. Em todos os níveis relacionais que desenvolvemos (família, trabalho, igreja, sociedade, etc.), há momentos de desafetos, desajustes, injustiça, carência de amor. Ferimos e somos feridos/as pela violência, seja ela física, emocional, volutiva, inconsciente, verbal. Diante de tantas feridas, a maior carência do ser humano é a de dar e receber perdão. No lar, temos o espaço onde, talvez, haja mais necessidade de perdão.

Na vida cristã, expressa na vivência das “igrejas” e Igrejas, a falta de perdão tem sido uma constante. Somos “intolerantes” e desejamos, muitas vezes, impor a nossa maneira de ser, de pensar e de agir. Com a expressão do nosso temperamento, hábitos, valores e caráter, temos ferido pessoas e quebrado relacionamentos. O ser humano carece da graça divina, pois somente ela concede, em Cristo, perdão. É por ela e nela que somos “salvos” pela fé (que significa aceitar, acolher, abraçar, confiar, receber). Isso não tem sustentação em nós: somente é possível na graça. Não é obra nossa, mas divina, conforme Paulo nos afirma em Efésios 2.1-10. Deus nos convida a viver a dimensão perdoadora da graça, sob a condução do Santo Espírito.



Cada item apontado neste capítulo é um sinal da graça de Deus. Após estudar cada um deles, dirija, no grupo, orações a Deus em gratidão por sinalizar, desta forma, seu amor por você. Também apresente uma confissão pessoal ou coletiva de pecados, caso note, em sua vida e na comunidade, que algum desses sinais não está sendo devidamente observado ou zelosamente cuidado.



A família foi criada para comunhão, convivência, comunicação.



A maior carência do ser humano é a de dar e receber perdão.



Somente na ação da graça, pelo poder do Espírito, somos quebrantados e capacitados a perdoar.

Com toda a complexidade existente na igreja em Corinto, somente pela graça era possível que “em tudo eles fossem enriquecidos” (1Co 1.4-9). O milagre aconteceu! Foi “graça sobre graça”. E após vivenciar o “perdão divino concedido a nós por Cristo”, somos enviados a “nos perdoar mutuamente”, isto é, a viver a graça do perdão. Isso não é fácil. Há situações na vida humana aparentemente imperdoáveis. Como humanos, não temos condições, força ou poder para perdoar. Somente na ação da graça, pelo poder do Espírito, somos quebrantados e capacitados a perdoar.

NAS SITUAÇÕES DE DOR E NO SOFRIMENTO

O Dr. Stanley Jones, grande missionário metodista na Índia, escreveu o livro: “Cristo e o Sofrimento Humano”. Antes e depois dele e até os dias de hoje, há pessoas escrevendo obras no intuito de compreender e superar a questão do sofrimento na vida – os/as justos/as, os/as injustos/as, frutos da limitação e pecaminosidade do ser humano. Paulo também viveu experiências tremendas de sofrimento, devido ao seu amor pelo Evangelho de Cristo. Aquele que perseguia pessoas e as fazia sofrer, experimentou em si mesmo os mais terríveis dos sofrimentos. As suas cartas, inclusive a enviada à igreja em Corinto, falam da perseguição e incompreensão que sofria.

Mas muito mais reflete Paulo a respeito do sofrimento de Cristo a seu favor, considerando-se, assim, o “maior dos pecadores”. Dor e sofrimento estão presentes na vida de quem é justo ou não é. Anunciar um Evangelho que nega essa realidade é negar a própria natureza da dor e do sofrimento de Cristo, de Paulo, Pedro, Estevão e uma sequência de mártires e seguidores do Senhor. “No mundo, tereis aflições. Mas, tende bom ânimo, eu venci o mundo”, disse Jesus. No decorrer da existência humana, entender e suportar o sofrimento sempre foi um desafio para a nossa reflexão e entendimento. No Antigo Testamento, a preocupação a esse respeito foi tão grande, a ponto de ter-se um livro específico: Jó.

Somos incapazes de chegar a tal compreensão. Mas podemos afirmar que tanto Cristo como Paulo e todos os mártires puderam sofrer e vencer devido à sustentação da graça divina. A cruz sinaliza tanto o sofrimento quanto a sua vitória pela graça. Se o mal, a dor e o sofrimento vêm de fontes como o mundo em que vivemos, a carne (nossa realidade limitada) e o mal (poderes que atuam contra Deus), a nossa vitória vem pelo Cristo ressuscitado, que venceu o mal, a dor, o sofrimento, a enfermidade e a morte. Tanto Cristo como Paulo puderam vivenciar o sustento e a superação pela graça divina, frente a dores e sofrimentos, em sua maioria, injustos.

Essa consciência e experiência devem nos fortalecer em nossas lutas, dores e sofrimentos a favor do Evangelho, do ser humano, da vida em sociedade e da sinalização do Reino de Deus. Não há como eliminar a “cruz na vida humana”, mas sim vencê-la, no poder e na graça daquele que a venceu e a transformou num sinal de redenção.

NA RECONCILIAÇÃO

Paulo menciona, em sua Carta aos Coríntios, a existência de litígios entre os irmãos. Aliás, não é somente em Corinto que isso ocorreu, mas em outras igrejas, como parece se aperceber em Filipenses (2.1-4). Isso também ocorre nos dias atuais. Como decorrência, surge uma imensidão de novas igrejas, ministérios, pastorados, episcopados e apostolados. Nas igrejas onde o discipulado tem seguido a orientação do que se denomina G12, têm sido muitos os litígios e as divisões. Há denominações partidas ao meio. Questões particulares, doutrinárias, de ordem hierárquica, de aspirações, messianismos, insubmissão à liderança e outras mais



Dor e sofrimento estão presentes na vida de quem é justo ou não é.

têm produzido grandes litígios. Eles hoje não são vistos como um obstáculo ao Corpo de Cristo, mas até como algo aceitável e saudável. Não é assim que Paulo vê essa questão, conforme vemos o seu tratamento dado em 1 Coríntios 1.10-17. Ele suplica, em nome de Cristo, que os membros entrassem em concordância e que não houvesse desunião entre eles. Um dos motivos dessa carta são as informações recebidas por Paulo a respeito do que ocorria com a igreja em Corinto, uma comunidade gentílica, nova no Evangelho e que ainda vivia sob os valores de seu antigo modo de ser. Ele é contundente: “*Haja divisões entre vós*”. Uns são de Paulo, outros de Apolo, Pedro ou até de Cristo. Nesse contexto ele pergunta: “*Acaso Cristo está dividido? Nem eu e nem ninguém foi crucificado por amor a vós, a não ser Cristo*”.

A tensão existente entre os cristãos oriundos do Judaísmo e os cristãos gentílicos agravava-se. Paulo foi perseguido pelos judaizantes, que queriam que os “cristãos gentílicos” fossem circuncidados e cumprissem a Lei. Isso levou os apóstolos a examinarem a questão, conforme Atos 15. Em Efésios 2.11-19, Paulo proclama que, em Cristo, “*ambos foram aproximados e reconciliados mediante o sangue de Cristo*”. Cristo tornou-se a “paz” entre eles e a universalidade do Evangelho. O seu desejo constante, presente em sua oração sacerdotal (João 17) é de que houvesse unidade no Corpo de Cristo: a reconciliação, a paz e a unidade.

É claro que não se trata do aspecto institucional da Igreja meramente. Há algo muito superior e de um nível mais elevado. Wesley também vivenciou perseguição, incompreensão, litígio em sua Igreja, a Anglicana, e nas suas comunidades. Todos conheceram o seu pensamento no sentido de ter-se unidade no fundamento de nossa fé; diversidade na maneira de ser, no que não fere a esses fundamentos bíblicos e apostólicos e, acima de tudo, caridade (amor vivencial) entre todos.

Em Gálatas 1.6-10, Paulo contempla a Igreja, afetada por um evangelho estranho ao Evangelho de Cristo. Muitos que foram chamados na graça começam a abandonar o caminho de Cristo. Alguns estão perturbando e pervertendo o Evangelho. Ele afirma que, mesmo uma revelação feita por um anjo deve ser rejeitada se não confere com a essência do Evangelho (o chamado Kerygma). E quem age desta forma deveria ser considerado um “anátema” (maldito). Hoje vivemos num clima semelhante e, em certos aspectos, até muito pior. O Evangelho da graça de Cristo tem sido barateado. Outros evangelhos têm sido anunciados, cativando o povo sofrido e desesperado pelas circunstâncias e sofrimentos da vida; outros são cativados por suas ambições devido às promessas fáceis de prosperidade. Tudo isso tem provocado litígio, quando não também os problemas de ordem institucional: busca da hierarquia do poder, disputas, superioridades, vanglória, messianismos.

Se fizéssemos, honestamente, um levantamento estatístico da razão pela qual perdemos membros em nossas igrejas e não conseguimos mantê-los fiéis a Cristo em nossas comunidades, ficaríamos surpresos do quanto esses litígios e aspectos humanos, pessoais e institucionais estão presentes, danificando o Corpo de Cristo. O apelo de Paulo é pela reconciliação, compreensão, perdão, paciência, suporte mútuo, inclusive os que consideram mais fortes, tornando-se o amparo e ajuda aos mais frágeis. Vejamos Colossenses 3.12-15 (vejam a tradução da NVI); Romanos 14.1-12; 15.1-13. Somos chamados/as, pela graça de Cristo, a vivenciar o Evangelho em momentos difíceis, inclusive com litígio, buscando sempre a reconciliação na graça de Cristo.

NA GENEROSIDADE

O apóstolo Paulo, no final de sua 1 Carta aos Coríntios (16.1-8) faz um desafio importante, ou seja, o levantamento de ofertas para os necessitados



Somos chamados/as pela graça de Cristo a vivenciar o Evangelho em momentos difíceis, inclusive com litígio, buscando sempre a reconciliação na graça de Cristo.



Uma espiritualidade plena e engajada passa, invariavelmente, por uma compreensão do verdadeiro lugar da mordomia cristã na vida de cada membro da igreja, bem como na vida da comunidade de fé e serviço.



Fomos criados/as por um ato do amor do Pai, gerados/as para amar e receber amor. Essa é uma característica que carregamos conosco. Somos criados/as para o amor.

da Judeia. Provavelmente, um dos propósitos da terceira viagem missionária foi exatamente juntar fundos das igrejas gentílicas para as pessoas carentes da Judeia. Esse seria um testemunho concreto da graça de Deus num ambiente de muita carência material. A generosidade, na verdade, significa liberalidade em todos os sentidos. O Apóstolo Paulo, em 2 Coríntios 9.5, registra o sentido da generosidade no contexto evangélico: *“portanto, julguei conveniente recomendar aos irmãos que me precedessem entre vós e preparassem de antemão a vossa dádiva já anunciada, para que esteja pronta com expressão de generosidade e não de avareza”*.

Na Carta Pastoral do Colégio Episcopal da Igreja Metodista sobre o Dízimo, encontramos um importante direcionamento:

a questão financeira não está isolada da verdadeira espiritualidade. Uma espiritualidade plena e engajada passa, invariavelmente, por uma compreensão do verdadeiro lugar da mordomia cristã na vida de cada membro da igreja, bem como na vida da comunidade de fé e serviço. Uma análise bíblica nos levará a entender que, dentro do projeto de Deus, nós somos mordomos de sua maravilhosa criação; *“Ao Senhor pertence a terra e tudo que nela se contém, o mundo e os que nele habitam”* (Sl 24.1)[...] A vida financeira do cristão e da cristã precisa estar fundamentada na Palavra de Deus e no espírito evangélico. Contribuir com dízimo não é apenas ato de dever e obrigação, mas também de alegria, espontaneidade, compartilhamento, doação e privilégio. Ao dar, doamo-nos. Como será diferente a vida das nossas comunidades locais quando isto ocorrer. Dízimos, ofertas, dons, serviços, vidas serão colocadas no altar com alegria, gratidão e fé. Precisamos mudar de mentalidade. Deixemos o Senhor agir. Ofertemos os nossos dízimos e o que mais o Senhor pedir. Façamos nossa oferta, não por imposição ou necessidade, mas com júbilo. No Metodismo isto não é lei, é graça. É dádiva alegre e fiel. (p.5-6).

A presente lição bíblica *“Ofertas para os necessitados da Judeia”* recoloca perante a Igreja um grande desafio: uma educação para um estilo de vida cristã generosa. A bispa e os bispos desafiam nossas igrejas a alongar o espírito de generosidade. Numa sociedade pós-moderna, o paradigma tem sido o apelo consumista, lamentavelmente, gerando avareza. O povo metodista, em seu nascedouro, tem uma vocação social e compromisso com os mais desfavorecidos da nossa sociedade. Assim, a generosidade não é um belo discurso, mas uma ação concreta em direção ao próximo. Igualmente, generosidade é um fruto da ação do Espírito Santo na vida de cada pessoa e da comunidade. Lembremo-nos do conselho do Apóstolo Paulo: *“e não cansemos de fazer o bem, porque há seu tempo ceifaremos, se não desfalecermos. Por isso, enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos, mas principalmente aos da família da fé”* (Gl 6.9-10).

NO AMOR E SEUS SINAIS

Fomos criados/as por um ato do amor do Pai, gerados/as para amar e receber amor. Essa é uma característica

que carregamos conosco. Somos criados/as para o amor. Uma das consequências do pecado foi a de nos limitar, como seres humanos, na expressão do amor. Voltando-nos para nós mesmos, num egocentrismo imensurável. Não sabemos mais expressar o amor de modo integral e pleno.

Deus nos ama de forma incondicional e visa recuperar essa qualidade divina presente no ser humano. Ele nos ama de uma forma tão ampla e dadivosa que nos concede o seu maior dom, Seu Filho Jesus, para nos salvar e nos livrar desse egocentrismo. *“Ele morreu para que você não viva mais para si mesmo, mas sim por amor a Cristo”* (Gl 2.20). Paulo afirma, em Romanos 13.8, que não devemos ficar devendo nada a ninguém, exceto o amor, com o qual devemos nos amar

mutuamente. Somos incapazes, de nós mesmos, de amar plenamente. Nesta área da vida precisamos reconhecer que estamos sempre em dívida.

O amor divino é, ao mesmo tempo, um dom divino e um fruto do Espírito Santo (1Co 13 e Gl 5.22ss). Somente sob o fluxo do amor sobrenatural divino, recebemos a capacidade de amar. Sem estar em Cristo, ligados à videira e nela permanecendo, somos impotentes para amar.

Paulo vê em Corinto uma grande contradição: numa comunidade que se considera plena do Espírito, cheia dos Seus dons, num ambiente de comunidade do Senhor, vive-se um relacionamento permeado pela discórdia, vanglória, sentimentos de superioridade, divisões, seguidores de líderes os mais diversos, ética comportamental inadequada com a fé em Cristo, falta de unidade, comunhão e convivência. Somente sob o fluxo do Amor dadivoso do Pai, do Filho e do Espírito (1Co 13) haveria a esperança de superação de todos os fatores de divisão e discórdia naquela comunidade.

“AMPLIAI-VOS NO AMOR”

Muitas características presentes na Igreja em Corinto e outras comunidades, como fruto do “viver na carne” e não “no Espírito”, persistem hoje: discórdia, preconceitos, discriminações, falta de unidade, comunhão, convivência e companheirismo. Há muito espírito de superioridade e vanglória nos grupos evangélicos e entre nós mesmos. Tendências de espiritualidades as mais diversas levam-nos ao mútuo menosprezo. Dons são supervalorizados, estabelecendo falsos e destrutíveis níveis de superioridade e inferioridade. Há toda uma “maquiagem espiritual” encobrendo a essência do Corpo de Cristo.

Neste contexto, somos chamados/as a deixar Cristo quebrar o nosso egoísmo e a nossa autocentralidade, nossos esquemas, sistemas e posições teológicas ou religiosas, a fim de que o “amor de Cristo nos constanja” a viver e andar no Espírito, Dele recebendo a graça do amor sobrenatural. O que Ezequiel previu (Ez 11.19) carecemos em nós: removido o coração de pedra e recebido o coração de carne, será gerado um novo ser: sensível, solidário, dadivoso, doador da graça, do amor mútuo. Esse caminho foi buscado, enfatizado e vivenciado por Paulo em Corinto, inspirado no maravilhoso e convincente amor de Cristo. Ele é o nosso referencial, pois no porvir, tudo passará somente o amor permanecerá.



Somos chamados/as a deixar Cristo quebrar o nosso egoísmo e a nossa autocentralidade, nossos esquemas, sistemas e posições teológicas ou religiosas, a fim de que o “amor de Cristo nos constanja”



Esses sinais podem não ser os únicos, segundo a sua experiência pessoal e comunitária com Deus. Você acrescentaria outros sinais da graça de Deus? Quais seriam? Entoe, no grupo, um cântico de louvor a Deus cujo tema central seja a graça divina.



Antes de começar o estudo, talvez seja interessante fazer uma lista de definições de Igreja que usamos no dia-a-dia ou que temos ouvido por aí...

Ao final do capítulo, podemos comparar o estudo às nossas ideias preliminares e verificar o que aprendemos de novo e o que é preciso corrigir em nossa visão e prática...

O QUE É IGREJA?

UMA DEFINIÇÃO

O NT apresenta diversos sinais sobre a origem (gênese) da Igreja. O apóstolo Paulo afirma, na Carta aos Efésios, que ela “é família de Deus e está edificada sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo Ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular” (Ef 2.20). A Igreja é um sinal e um meio de graça.

O Vocabulário Bíblico de J. J. Von Allmen, no verbete **Igreja**, define:

No NT, define-se, pois, a partir da obra redentora realizada por Deus em Cristo; ela exprime o efeito produzido por esta obra nos crentes: sua reunião numa unidade subordinada a Deus e a Cristo. Isto explica o seguinte fato: o termo *ecclesia* é relativamente raro no Novo Testamento, aparece apenas num entre quatro evangelhos, e está ausente de oito epístolas. Mas a realidade da Igreja se exprime por meio de imagens que ilustram o conteúdo do termo *ecclesia*, tal como acabamos de definir. Isto significa que um estudo da Igreja não deve limitar ao termo *ecclesia*, mas também de incluir expressões tais como “o povo de Deus, o edifício de Deus, a lavoura de Deus ou a videira, da qual Cristo é o tronco, o rebanho, cujo pastor é Deus ou Cristo, a esposa de Cristo, o corpo de Cristo. Reencontraremos esses diversos títulos ao estudar a realidade e a teologia da Igreja no testemunho escriturístico.

IGREJA COMO CORPO DE CRISTO

A imagem da Igreja como Corpo de Cristo, ou seja, um organismo vivo, agindo por meio de seus membros, conforme o apóstolo Paulo, em 1 Coríntios 12.11,31, é especialmente importante. “Porque assim como o Corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo. Pois em um só Espírito todos nós fomos batizados em um só corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado de beber de um só Espírito [...] Ora, vós sois o corpo de Cristo; e, individualmente, membros desse corpo” (1Co 12.12-14 e 27).

Esta imagem ilustra: a) a vitalidade do corpo com os seus membros; b) a corresponsabilidade, a diversidade dos membros do corpo; c) a mutualidade dos dons e ministérios; d) a reciprocidade; e) a cooperação; d) a solidariedade.

A Igreja como corpo de Cristo é uma parábola sobre a unidade na diversidade e a reciprocidade dos membros. A unidade é o elemento que dá o tom e beleza a toda a obra arquitetônica do corpo. Sem unidade, os membros vão expressar egoísmo. Paulo, vivenciando a experiência da igreja em Corinto, declarou: “Eis a razão por que há entre vós muitos fracos e doentes e não poucos que dormem. Porque, se nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados” (1Co 11.30-31). Arnold Bittlinger, no seu texto “Dons e graça”, oferece um estudo precioso sobre os capítulos 12-14 da Primeira Epístola aos Coríntios. Esta obra fornece alguns subsídios importantes para entender a unidade do corpo de Cristo.

Paulo não diz que a comunidade cristã é **como** o Corpo de Cristo, mas afirma: “Vós **sois** o corpo de Cristo” (v.27). Durante sua vida terrena, Jesus só podia agir na medida em que lhe permitiam Suas forças corporais. Era limitado pelo cansaço, pela fome, sede, tentação, etc. Hoje ainda, a Igreja causa muito aborrecimento a Cristo por sua desunião, seu orgulho interesseiro, sua teimosia, desobediência, insensibilidade. Thurian acrescenta: “Pela ação do Espírito Santo, nós temos a obrigação de completar a sua tarefa. Somos a multiplicação de suas mãos, de seus pés, de sua voz, de seu coração misericordioso. É verdade que preenchemos funções parciais e imperfeitas, mas nem por isso deixamos de

ser o Corpo que cura. E é pelo Espírito Santo (o amor de Cristo presente em toda a parte simultaneamente) que recebemos a força para continuar a obra dos apóstolos. É excitante e, ao mesmo tempo, tranquilizador pensar que, quando o Espírito entra em nossa vida, recebemos a mesma força pressionante e vificadora que impelia o Mestre.”

O CORPO NÃO SE COMPÕE DE UM SÓ MEMBRO, MAS DE MUITOS (v.14)

No v.13, Paulo afirma que as pessoas, embora divididas por múltiplos fatores, são unidas em um só corpo pela recepção do Espírito Santo. E frisa, no v.14, que o corpo se compõe de muitos membros. Unidade e diversidade estão inseparavelmente ligadas. Pela recepção do Espírito, não sou simplesmente um membro do corpo, mas sou membro especial, isto é, recebo uma função totalmente pessoal e única. Toda a vida orgânica manifesta é diversificação. A unidade divina nunca é uniforme e monótona, é sempre multiforme e diversificada. Cada cristão é original e único. Se tento imitar o outro, a outra, descuido de minha tarefa própria e deixo de ser, portanto, original. Cada cristão e cristã têm sua missão própria, seu dom especial (cf. 1Co 12.7-11; 12.5-18; Ef 4.11-16; 1Pd 4.10).

COMO É QUE ME TORNO UM MEMBRO DO CORPO DE CRISTO?

“Pois fomos batizados, num só Espírito para sermos um só corpo, judeus e gregos, escravos e libertos; e todos bebemos de um só Espírito” (v.13).

Pela participação no mesmo Espírito, me torno membro de um só Corpo. Antes de participar deste Espírito, os homens e as mulheres estão dispersos em grupos distintos, baseados em múltiplos laços raciais, culturais, sociais e religiosos. A participação no mesmo Espírito supera todos esses laços terrenos e une todas as pessoas que possuem o Espírito no Corpo de Cristo. Esta nova afinidade é mais forte que todos os vínculos preexistentes, baseados apenas em questões biológicas (parentesco, etnia) ou emocionais (sociedade, cultura, sentimentos).

Os membros do Corpo de Cristo, porém, estão unidos pela participação do mesmo Espírito [...] O fiel está “no Espírito” e o “Espírito está “no fiel” (comparar com expressões paralelas de Paulo “estamos em Cristo” e “Cristo está em nós”)[...] Não podemos, porém, fazer uma divisão entre o Corpo de Cristo interior e exterior. Não podemos fazer distinção entre uma Igreja visível e uma Igreja invisível. Jesus não nos permite deturpar os sinais. Quem deturpa o símbolo está ao mesmo tempo destruindo algo original. Paulo mostra claramente que uma participação abusiva na Ceia do Senhor tem como consequências um corpo enfermo (1Co 11.29).

IGREJA COMO COMUNIDADE

A Igreja, antes de ser organização, instituição ou grupo social, é um Corpo, um organismo vivo, uma comunidade de Cristo (Ef 1.22-23; 1Co 12.27). Sua vivência deve ser expressa como comunidade de fé, adoração, crescimento, testemunho, amor, apoio e serviço (At 2. 42-47; Rm 12.9-21). Nessa comunidade, metodistas recebem despertamento e alimento, crescem, compartilham, vivem juntos, expressam sua vivência e fé, edificam o Corpo de Cristo, são equipados para o serviço e o expressam junto das pessoas e das comunidades (1Co 12.16-26; 2Co 9.12-14. Ef 4.11-16).

Tal visão de Igreja impõe sobre nós um compromisso com o sinal da unidade, a qual tem preço, sangue, paixão, solidariedade, frutos, transparência. Tem a ação e o rosto do Senhor Jesus Cristo. Por isso, tem, entre outras coisas:



De que forma a imagem da Igreja como corpo inspira ações concretas de amor ao próximo? Como está a saúde do seu corpo local? Em que precisamos investir, como comunidade, para melhorar nossa saúde espiritual?

Tal visão de Igreja impõe sobre nós um compromisso com o sinal da unidade, a qual tem preço, sangue, paixão, solidariedade, frutos, transparência.





Analise cada tópico e procure, na sua experiência local, os sinais de que essas características do corpo tem sido vividas e praticadas. Louve a Deus pela experiência da Igreja como meio da graça divina no mundo.

- a) Amor efetivo e criador, revelado em Jesus Cristo, que realiza, histórica e plenamente, todas as formas de libertações.
- b) Perdão, gesto vivo, que promove uma nova aliança e é um dom divino que abre o futuro para mulheres e homens no convívio comunitário.
- c) Reconciliação: significa, para todas as pessoas, harmonia com o próprio Deus, consigo mesmas e com as outras. Em Jesus Cristo, a reconciliação torna-se vida para o/a outro/a e serviço ministerial.
- d) Unidade: a Carta de Paulo aos Efésios lembra-nos que *“Ele é a nossa paz, o qual de ambos os povos fez um e, tendo derrubado a parede da separação que estava no meio, a inimizade, aboliu na sua carne a lei dos mandamentos, na forma de ordenanças, para que dos dois criasse a si mesmo, um novo homem, fazendo a paz”* (Ef 2.14). Portanto, Jesus Cristo é o rosto de Deus e da unidade. Ele é o centro da comunhão de seu povo, estabelecendo a unidade e o compromisso entre as pessoas que O seguem em discipulado.

DESAFIOS PARA TESTEMUNHAR OS SINAIS DA GRAÇA NA UNIDADE DO CORPO DE CRISTO

A Primeira Carta de Paulo aos Coríntios contém lições pastorais importantíssimas, à luz do tema para o biênio 2010-2011 – “Testemunhar os sinais da graça na unidade do Corpo de Cristo”. Desejamos fazer algumas aplicações para o nosso povo metodista, no exercício dos dons e ministérios, a fim de sermos uma Igreja com forte mística missionária.

SINAIS DA GRAÇA NA UNIDADE DO CORPO DE CRISTO

Paulo menciona muitos meios de graça do Senhor Jesus na vida da comunidade dos coríntios, a fim de alimentá-la no crescimento da fé e do conhecimento dos ensinamentos do Evangelho.

Sacramentos: tradicionalmente, a Igreja tem definido que “Sacramentos são meios de graça instituídos por nosso Senhor Jesus Cristo, sinais visíveis da graça do Espírito Santo na vida dos crentes”. Sinais visíveis da graça invisível, conforme conceituação de Agostinho de Hipona: “*Signum visibile, invisibilis gratiae*”. Nesse ponto, é bom ressaltar que estão juntos: o sinal e a graça. Os Cânones da Igreja Metodista, no capítulo denominado “Das Doutrinas”, fazem as seguintes afirmações:

Os sacramentos instituídos por Cristo não são somente distintivos da profissão de fé dos cristãos; são, também, sinais certos da graça e boa vontade de Deus para conosco, pelos quais Ele invisivelmente, opera em nós, e não só desperta como fortalece e confirma nossa fé Nele. Dois somente são os sacramentos instituídos por Cristo, nosso Senhor, nos Evangelhos, a saber: o Batismo e a Ceia do Senhor [...]. Os sacramentos não foram instituídos por Cristo para servirem de espetáculo, mas serem recebidos dignamente. E somente nos que participam deles dignamente é que produzem efeito salutar, mas aqueles que recebem indignamente recebem, para si mesmos a condenação, como diz o Apóstolo Paulo (1 Coríntios 11.29).

Meios de graça: embora consideremos que, na teologia protestante, os Sacramentos são apenas dois (Batismo e Santa Ceia), nós, metodistas, temos consciência de que os meios de graça são amplos e inesgotáveis – e isso também pregamos – considerando a dinâmica atualizadora do Espírito Santo na vida e no ministério total da Igreja na comunidade. Na comunidade em Corinto, podemos detectar os seguintes meios de graça: Batismo, Santa Ceia, oração, jejum, matrimônio, pregação da palavra, perdão, confissão, família, dons e ministérios concedidos pelo Espírito Santo, solidariedade, unção, culto, discipulado, pastoreio.

O Metodismo afirma que a vivência e a fé do cristão e da Igreja se fundamentam na revelação e ação da graça divina. A graça divina é o fundamento de toda a revelação e ação histórica de Deus e se manifesta de forma preveniente, justificadora e santificadora, na vida do crente e da Igreja, pela fé pessoal e comunitária (Tt 2.11-15). A vivência cristã se fundamenta na fé (Rm 1.16-17). Fé obediente, amorosa e ativa, centralizada na ação histórica de Deus, na pessoa, vida e obra de Cristo e na ação atualizadora do Espírito Santo (Hb 1.1-3;



Neste capítulo, conheceremos mais profundamente os diversos meios de graça disponíveis a nós.

Wesley sempre falava deles e incentivava a prática de cada um para uma vida de santidade e crescimento espiritual.



Sacramentos são meios de graça instituídos por nosso Senhor Jesus Cristo, sinais visíveis da graça do Espírito Santo na vida dos crentes



Faça o exercício proposto por Paul Little, nos parágrafos abaixo, a partir do seu texto bíblico favorito e anote suas novas compreensões acerca do mesmo. Partilhe com o grupo.



Nós, bispa e bispos da Igreja Metodista, consideramos de real importância uma profunda revitalização da Palavra de Deus na vida pessoal e comunitária.



O batismo “é o sinal visível da graça de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual nos tornamos participantes da comunhão do Espírito Santo e herdeiros da vida eterna”

12.1-2). A Palavra de Deus é o elemento básico para o despertamento e a nutrição da fé (2Tm 3.15; Lc 24.25-27; Gl 3.22).¹

Palavra de Deus: a Palavra, no ensino de Paulo à Igreja em Corinto, foi um maravilhoso meio de graça. Ela foi a bússola, ou ainda, o instrumento para determinar os conflitos existentes. Paulo busca o discernimento da Palavra a partir de uma pregação cravada nos ensinamentos de Jesus Cristo: “*Eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não fiz com ostentação de linguagem ou de sabedoria. Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado [...] A minha palavra e pregação não consistiram em linguagem persuasivas de sabedoria, mas de demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana, e sim no poder de Deus*” (1Co 2.1-5).

Steve Harper nos inspira ao trazer as seguintes informações sobre a prática de John Wesley:

Wesley sabia que era necessário ter um padrão objetivo para uma espiritualidade genuína. Para ele, o padrão era a Bíblia. Ele estava comprometido com a centralidade e autoridade das Escrituras. Apesar de ter lido centenas de livros sobre vários assuntos, Wesley continuamente referia-se a si mesmo como um *homo unis libri* – homem de único livro. Embora tivesse publicado aproximadamente seiscentas obras sobre vários temas, ele resolutamente mantinha a posição de não permitir qualquer regra, fosse ela de fé ou de prática, que não fosse a Escritura Sagrada. No prefácio de seu livro *Sermões Principais*, Wesley exclama: “Oh, dai-me esse livro! A qualquer preço, dá-me o livro de Deus!...Eis nele sabedoria suficiente para mim.

Nós, bispa e bispos da Igreja Metodista, consideramos de real importância uma profunda revitalização da Palavra de Deus na vida pessoal e comunitária. Com certeza, as crises que se evidenciam em nosso meio são fruto da nossa desobediência à Palavra que gera vida e vida em abundância.

Paul Little nos oferece uma pauta importante para a leitura devocional da Palavra de Deus nos conduzindo às seguintes questões:

1. Há, aqui, um exemplo que eu deva seguir?
2. Há algum pecado que eu precise evitar?
3. Há algum mandamento que eu deva obedecer?
4. Há alguma promessa que eu deva reivindicar?
5. O que esta passagem me ensina sobre Deus e Jesus Cristo?
6. Há alguma dificuldade que eu deva explorar?
7. Há alguma coisa nesta passagem sobre a qual deva orar hoje?

A centralidade da Palavra de Deus, como meio de graça, é de extrema importância para que a Igreja possa florescer e, conseqüentemente, gerar frutos “dignos de arrependimento”.

Batismo: Paulo ressalta que o batismo é o sinal daquelas pessoas que confessam o Senhor Jesus Cristo como Salvador e Senhor. Nesse horizonte, o batizado leva o selo do ingresso na família de Deus: “*pois, fomos batizados num só Espírito para ser um só corpo, judeus e gregos, escravos; e todos bebemos de um só Espírito*” (1Co 12.13). Ao mesmo tempo, o batismo segundo o posicionamento da Igreja Metodista: “é o sinal visível da graça de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual nos tornamos participantes da comunhão do Espírito Santo e herdeiros da vida eterna” (Art. 9º, Cânones da Igreja Metodista, 2007). São de grande profundidade as palavras de John Wesley sobre este sacramento:

O que é o batismo? É o sacramento que nos faz entrar na aliança de Deus. Foi instituído por Cristo o único que tem poder para instituir um sacramento adequado, um sinal, um selo, garantia e meio de graça, perpetuamente obrigatório para todos os cristãos. Não sabemos realmente o tempo exato de sua instituição, mas sabemos que foi muito antes da ascensão do Senhor. Foi instituído na sala da circuncisão, pois, como aquela era um sinal e um selo da aliança, assim é este. O elemento deste sacramento é a água que é o mais próprio para este uso simbólico, dado o seu poder natural de limpar. O batismo é realizado pela lavagem, pela imersão ou pela aspersion da pessoa em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e, por este meio, a pessoa é entregue à Bendita Trindade. (BURTNER, R.W. e CHILES, R.E. Coletânea da Teologia de Wesley. Rio de Janeiro, Setor de Publicações da Pastoral do Instituto Metodista Bennett, p.255-256)

O Colégio Episcopal, em sua ação docente, considera que cada metodista precisa viver continuamente este extraordinário sinal da graça de Deus. Ou ainda, viver e testemunhar, no Corpo de Cristo, que “somos integrados em Cristo, no batismo, pela fé, e recebemos nova vida espiritual desta nova raiz pelo seu Espírito, que nos torna semelhantes a Ele, especialmente com referência à sua morte e ressurreição” (Rm 6.3, Notas de John Wesley).

Santa Ceia: o apóstolo Paulo somente faz menção a esse sacramento em 1 Coríntios 11.17-34. No entanto, o ensino é suficiente para instruir sobre a centralidade da Mesa do Senhor. Paulo enfoca o ensino contra os gnósticos, sublinhando a dinâmica do ensino bíblico: “Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice anunciais a morte do Senhor, até que Ele venha” (1Co 11.17). A Ceia do Senhor está intimamente ligada à morte de cruz. Ou ainda, nas palavras do acolhimento do nosso Ritual no Ato de Instalação da Ceia:

O Senhor Deus onipotente, nosso Pai Celestial, entregou Jesus Cristo, seu unigênito Filho, à morte de cruz, para a nossa redenção. E o Senhor, pela oferta de si mesmo, feita uma só vez, fez um sacrifício pleno, perfeito e suficiente pelos pecados de toda a humanidade; e instituiu perpétua recordação de sua morte, ordenando-nos, em seu Evangelho, que a continuemos até a sua segunda vinda. Portanto, agradecidos, consagramo-nos a Deus em resposta ao seu amor.

O apóstolo João inicia o seu Evangelho ressaltando: “O verbo se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai” (Jo 1.14). João captou o ensino de Jesus anunciando: “Minha carne é verdadeiramente comida, e o meu sangue é verdadeiramente bebida” (Jo 6.55). “Se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos” (Jo 6.63). João também reforça o ensino contra os gnósticos apontando que é a presença do Senhor vivo e vivificador e do Espírito Santo. No entanto, o Cristo Celestial não é outro senão o que “veio em carne”. Portanto, o cerne da mensagem que a Ceia proclama é a presença de Cristo e a prova verdadeira do Seu infinito amor, pelo **sacrifício** feito, uma só vez, na cruz do Calvário.

John Wesley registra em seu Diário, no dia 28 de julho de 1740, algumas pistas práticas sobre o Sacramento da Ceia do Senhor:

1) Que a Ceia do Senhor foi ordenada como meio para que os homens recebam a graça que nos impede de praticarmos o mal, a justificação e a santificação, de acordo com as suas diferentes necessidades; 2) que as pessoas a quem ela foi ordenada são aquelas que sabem e sentem que querem a graça de Deus, quer para impedilas do pecado, quer para mostrar que seus pecados estão perdoados, quer para refazer a imagem de Deus nas suas almas; 3) que sempre vamos à sua mesa, não para dar-lhe qualquer coisa, mas para recebermos o que Ele achar melhor para nós, não para a preparação indispensavelmente necessária, mas um desejo de recebermos o que for do seu agrado dar-nos; 4) que não se exige condição adequada na ocasião da comunhão, mas senso do nosso estado total de pecaminosidade e de



“Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice anunciais a morte do Senhor, até que Ele venha” (1Co 11.17).



Como tem sido sua experiência com os meios de graça? Qual deles você precisa aprimorar em sua vida? Como está sua reverência e fidelidade a Deus na busca por maturidade cristã? Liste seus desafios pessoais e comunitários e comprometa-se, em oração, pelo desenvolvimento de sua salvação...



De que ministérios você participa na Igreja? Tem procurado reconhecer e exercitar seus dons? Como motivar os membros “adormecidos” a despertar seus dons para o serviço de Cristo, sendo, eles mesmos, meios de graça na missão?



Ao falar sobre os sinais da graça, não podemos esquecer que o Espírito do Senhor equipa a Igreja para a missão.

incapacidade de salvação. Todos os que sabem que estão em condição de irem para o inferno, estão em condições adequadas a viverem a Cristo por meio desta, bem como todas as suas ordenanças.

O Colégio Episcopal reafirma que a Santa Ceia é o alimento da Igreja dispersa no mundo, para cumprir o mandato de Jesus: “faça isto em memória de mim até que eu venha”. Ou ainda, na linguagem neotestamentária é: a “anamnesis”, ou seja, é uma lembrança que traz ao presente o que aconteceu no passado, na verdade, tornando-o uma realidade atual no dia a dia da comunidade de fé e serviço. A Santa Ceia é o caminho para a unidade cristã e deve nos unir num sonho comum: o Reino de Deus entre nós, a salvação de todos/as, o amor e a misericórdia divina e a certeza que partiparemos com Cristo no banquete final.

Por isso, o ensino do Apóstolo Paulo à Igreja em Corinto sobre a Santa Ceia nos convida a exercer os Dons e Ministérios numa perspectiva missionária. Nossos dons, nossos ministérios deverão convergir para a missão. A Mesa do Senhor é missionária: ela anuncia uma mensagem portadora de alegria, de vida, de partilha e de esperança. Igualmente, a Santa Ceia, no ensino paulino, é o grande convite à unidade da Igreja, Corpo de Cristo. Por isso, o que está presente na mesa é “O dom de Cristo, nosso salvador”, ou seja, a Sua graça que nos alcança, plenamente.

Dons, ministérios, unidade: o apóstolo Paulo tem muita clareza de que a comunidade, Corpo de Cristo, tem a dinâmica dos Dons e Ministérios conferidos pelo Espírito Santo (1Co 12.4-11). Ele afirma a amplitude e diversidade dos carismas, das realizações e dos diferentes ministérios no Corpo de Cristo, mas frisa que “O Espírito é o mesmo”. Portanto, ao falar sobre os sinais da graça, não podemos esquecer que o Espírito do Senhor equipa a Igreja para a missão. Por isso, a Igreja Metodista brasileira, nos últimos anos, tem insistido que “Dons e Ministérios não é um programa. É um movimento conduzido pelo Espírito Santo, cujas raízes encontramos na Palavra de Deus”. A Carta Pastoral sobre Dons e Ministérios orienta o povo metodista sobre os fundamentos desse modo de vida na Igreja. Ou seja, a descentralização dos cargos, ofícios, posições, status, para a dimensão do serviço ministerial. Relembremos os três grandes fundamentos ou eixos ali tratados:

Graça: essencial para a vida cristã (Sl 63; Ef 2.1-10; 1Pd 4.10). Por isso, a graça é o fundamento de toda a existência. De nada valem Dons e Ministérios sem a experiência impactante da graça transformadora do Senhor. Nesse sentido, Wesley sempre perguntava: “Tens a graça?”; “Tens os dons?”; “Tens os frutos?”;

Dons: a Palavra de Deus apresenta, primeiramente, que o próprio Deus é o Dom maior, presente em Cristo e na ação renovadora do Espírito Santo. Paulo ilustra muito bem a dinâmica dos dons em 1 Coríntios 12.1-31

Ministérios: aqui, ministério significa **serviço**. O modelo de vida ministerial é o próprio Cristo (Fp 2.5-11). Por isso, precisamos ser moldados pelo caráter de Cristo e, nessa dimensão, construiremos uma Igreja servidora. O escritor Kenneth C. Fleming, no seu texto “Ele humilhou-se a si mesmo: redescobrimos a esquecida arte de servir”, sublinha:

Cristo não apenas se esvaziou, mas tornou ‘a forma de servo’ (Fp 2.7), a saber, assumiu a natureza de um escravo. Em relação a Deus, o Senhor Jesus assumiu o lugar de um servo. Estava determinado a fazer a vontade de Deus em sua máxima expressão. A satisfação do Pai era a ordem que o impelia. Eis a atitude que nos convém assumir, a atitude de Cristo, que tomou a posição de sujeição e submissão total à vontade de seu Pai. Agora, devemos entregar-nos de maneira total ao Senhorio de Cristo, caminhar para o portal a fim de que nossa orelha seja furada, e apresentar nosso corpo em sacrifício vivo (Rm 12.1).

CONCLUSÃO: EM BUSCA DOS SINAIS DE ESPERANÇA

Enquanto houver esperança há vida, motivação, busca. A falta da esperança já sinaliza a morte iminente. A situação humana, social, moral, econômica, relacional e espiritual do mundo nos dias presentes sinaliza falta de esperança. O sentimento de desespero tem tomado o lugar da esperança na vida das pessoas e das instituições. Isso tem levado o ser humano a cair num “vazio existencial”, numa “apatia pragmática” e “num sentimento de nulidade”.

Muitas vezes, temos colocado a nossa esperança em pessoas, líderes, sistemas, ideologias, institucionalismos, religiões, crenças. Como consequência, têm surgido muitas frustrações e desânimo, mesmo no campo da fé e da religiosidade.

No Antigo Testamento, numa determinada época, a segurança e a esperança foram colocadas no Templo e nos símbolos sagrados. Jeremias avalia essa situação no capítulo 2.1-37, quando afirma que “segurança alguma há no templo e muito menos esperança”. O que era necessário? Reconhecimento do erro, arrependimento e conversão ao Senhor. Muitos/as de nós, nos dias de hoje, temos colocado a nossa esperança em modelos de espiritualidade, tipos de vivência na comunidade da fé, formas institucionais, novas visões doutrinárias, configurações diferenciadas da fé cristã e uma série de situações, sentimentos e sensações que, muitas vezes têm tirado de nós a devida comunhão que deveríamos ter como Corpo de Cristo.

O apóstolo Pedro nos afirma em 1 Pedro 1.3ss, que Deus nos “regenerou” para uma “viva esperança”. Não uma esperança morta, mas cheia de vigor, energia, sustentação para o viver no presente e no futuro do Reino de Deus. Essa Esperança está numa Pessoa, acima de doutrina, teologia, liturgia, dogma, dons do Espírito, Igreja, expressão religiosa, sentimentos e tudo o mais. Não que esses elementos constituintes da fé cristã e da Igreja deixem de ser importantes, mas porque acima deles está uma Pessoa – Cristo Ressurreto. A Pessoa de Cristo, Sua vida, ministério, obra, morte e ressurreição – esta é a nossa viva esperança e máxima segurança.

Muitas coisas podem nos frustrar iludir, enganar, mistificar... Somente Ele, a Pessoa Viva e Ressurreta, é a nossa Viva Esperança. Foi ele mesmo quem disse: “*Aqui está um que é maior do o templo*”. O templo era a representação da presença divina e de toda a religiosidade judaica. Ele se coloca acima de tudo isso e ainda afirma que destruiria o templo e o reconstruiria em três dias.

Como dissemos, a Igreja hoje vive sob o impacto de “muitos messianismos” com suas múltiplas expectativas e esperanças, a maioria delas visando concretizar-se naquilo que a Bíblia chama de “presente século”. A expectativa e promessa da prosperidade hoje têm levado multidões em busca de soluções para os seus problemas, angústias e situações dramáticas. Essa visão, com um olhar demasiado no presente tem eliminado da fé o seu sentido escatológico.

O apóstolo Paulo, em 1 Coríntios 15, desenvolve a convicção centrada no Cristo Ressurreto e na esperança de um “tempo no kairós divino”, em que haverá uma transformação no ser humano e em todo Universo, quando Cristo entregar tudo ao Pai e Ele será tudo em todos/as. O Reino de Deus, a consumação desse Reino em Cristo; a vida eterna do novo ser, renovado, eterno, incorruptível, totalmente transformado, plenamente ressurreto em e



Retome, no grupo, as principais reflexões e motivações. Esta carta não é para ser lida uma única vez. Ela deve motivar as ações nos próximos dois anos. Como mantê-la atualizada na prática da comunidade? Discuta no grupo formas de fazê-lo: boletins, murais, peças teatrais, reflexões mensais, lições especiais? Tudo é válido! A criatividade de cada igreja deve somar-se ao esforço de nossa liderança pastoral e episcopal para promover o crescimento equilibrado de todo o corpo!

com Cristo, é o maior milagre da fé.

Creemos que a dimensão vital da Igreja e que proporcionará a unidade que almejamos, é essa viva esperança, vivenciada hoje, já, na ação do Espírito Santo em nós, entre nós e por meio de nós. Essa Igreja, motivada em gratidão e amor ao Senhor, e em amor e serviço ao ser humano, será o canal da graça que tornará possível à humanidade vivenciar, no presente século, os “sinais do Reino Divino”, em suas múltiplas dimensões. Reino que já está entre nós e que aguarda a plenitude dos tempos. Por isso, o apóstolo nos diz: “*Vivendo no Senhor, sabendo que Nele a nossa vida e a nossa existência não é vã*” (cf. 1Co 15).

A bispa e os bispos relembram a importância do compromisso número 4 do Plano Nacional Missionário, aprovado pelo 18º Concílio Geral da Igreja Metodista: “**fortalecer e promover a ação da Igreja local como comunidade cristã de dons e ministérios, inserida no mundo**”. Por isso, os sinais da graça dinamizados por uma Igreja de Dons e Ministérios precisam ser transformados e ações concretas na igreja local e na comunidade. Dessa forma, “caminha na graça, serve com dons, produz os frutos da nova vida em Cristo”.

Terminamos esta Carta Pastoral “Sinais da graça na unidade do Corpo de Cristo” convocando o povo chamado metodista em terras brasileiras a preservar a unidade no Corpo de Cristo. John Wesley aconselhou-nos: “Guardai-vos dos cismas, de fazer divisões na Igreja de Cristo. Aquela desunião interior dos irmãos. Quando estes deixam de amar uns aos outros (1Co 12.25), é a raiz de toda a contenda e separação exterior. Guardai-vos do espírito de divisão e de tudo que se lhe assemelhe”.

Serva e servos do Senhor.

Bispos e Bispa da Igreja Metodista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLMEN VON, J.J. *Vocabulário Bíblico*. São Paulo: Aste.
- BELLINATO, Guilherme. *Paulo: cartas e mensagens*. São Paulo: Loyola, 1979
- BITTLINGER, Arnold. *Dons e Graças*. São Paulo: Paulinas
- BURTNER, R.W E CHILES, R.E. *Coletânea da teologia de Wesley*. 2.ed. Rio de Janeiro: Igreja Metodista.
- COLÉGIO EPISCOPAL. *As marcas básicas da identidade metodista*. (Biblioteca Vida e Missão, Metodismo), 2005.
- COLÉGIO EPISCOPAL. *Carta Pastoral sobre a Ceia do Senhor*. São Paulo: Cedro (Biblioteca Vida e Missão, Pastorais), 1996.
- COLÉGIO EPISCOPAL. *Carta Pastoral sobre Dízimo* (Biblioteca Vida e Missão), 1999.
- COLÉGIO EPISCOPAL. *Carta Pastoral sobre Dons e Ministérios*. São Paulo: Cedro (Biblioteca Vida e Missão, Pastorais), 2001.
- COLÉGIO EPISCOPAL. *Plano Nacional Missionário 2007-2012*. São Paulo: Editora Cedro (Biblioteca Vida e Missão), 2007.
- COLÉGIO EPISCOPAL. *Servos, servas, sábios, sábias, santos, santas, solidários, solidárias*. 2.ed. São Paulo: Cedro (Biblioteca Vida e Missão, Pastorais), 2005.
- COLÉGIO EPISCOPAL. *Testemunhar a graça e fazer discípulos e discípulas*. São Paulo: Cedro (Biblioteca Vida e Missão, Pastorais), 2007.
- FLEMING, Kenneth. *Ele humilhou-se a si mesmo: redescobrimo a esquecida arte de servir*. São Paulo: Vida.
- HARPER, Steve. *A vida devocional na tradição metodista*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1992.
- IGREJA METODISTA. *Cânones 2007*. São Paulo: Cedro.
- IGREJA METODISTA. *Ritual da Igreja Metodista*. São Paulo: Cedro (Edição revista e ampliada).
- JAHREISS, Ulrich. *A Bíblia: Novo Testamento*. Recife (Coletânea Nordestina Vida e Missão, 02).
- KÜNMEL, Werner. *Síntese teológica do Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal.
- MAIA, Adriel. *Serviço, Santidade, Sabedoria e Solidariedade: manual de estudo da Carta Pastoral do Colégio Episcopal Servos/as; santos/as; sábios/as; solidários/as*. São Paulo: Igreja Metodista, 2006.
- O'CONNOR, Jerone Murphy. *Paulo de Tarso: história de um apóstolo*. São Paulo: Paulus e Loyola.
- TENNEY, Merrill. *O Novo Testamento: sua origem e análise*. São Paulo: Vida Nova.